

Duda Riedel

DESDE QUE VOCÊ PARTIU

UM VERÃO INESQUECÍVEL
EM PARIS ♡



Planeta

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Duda Riedel

DESDE QUE VOCÊ PARTIU

UM VERÃO INESQUECÍVEL
EM PARIS ♡



ou Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Duda Riedel, 2025

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025

Preparação: Renato Ritto

Revisão: Lui Navarro e Caroline Silva

Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos

Imagens de miolo: Freepik

Capa e ilustração de capa: Luísa Fantinel

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Riedel, Duda

Desde que você partiu: um verão inesquecível em Paris /
Duda Riedel. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2025.
224 p.: il.

ISBN 978-85-422-3321-6

1. Literatura juvenil brasileira I. Título

25-0684

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 - 4º andar - Consolação
01415-002 - São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto
em Embury Text e
impresso pela Lis
Gráfica para a Editora
Planeta do Brasil em
março de 2025.

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Não gosto de limites porque, na maioria das vezes, eles me impedem de desfrutar de ser como sou. Isso vale para compras no cartão de crédito e para as regras do meu papai. Hoje, por exemplo, já percebi que vou ultrapassar todos os limites que foram claramente estabelecidos nas últimas conversas que tivemos. Mas dane-se, não estou nem aí. Vou comemorar o meu pré-aniversário e tenho coisas mais importantes no que pensar, tipo se uso um Alexander McQueen florido ou um Valentino rosa-choque extravagante daquela nova coleção que a Zendaya já usou.

— Qual você acha melhor? — pergunto pela décima vez pra minha prima, que está jogada em cima de um pufe se deliciando com um saco de Doritos.

— Que diferença faz, Victória? Você não vai poder levar nenhum dos dois.

Bufo, insatisfeita com a falta de resposta, e me troco rapidamente. Para uma leonina como eu, é difícil escolher entre duas obras-primas que irão levantar meu ego e autoestima na comemoração dos meus dezesseis anos. E tudo fica ainda mais difícil sem a ajudinha esperada da pessoa que veio até aqui justamente para cumprir essa obrigação.

Não que Júlia seja especialista quando o assunto é o mundo fashion: ela normalmente se veste como qualquer menina que aparece na “for you” de uma pessoa básica do TikTok, mas, ainda

assim, é minha melhor amiga e a opinião dela importa muito pra mim. Mas pelo visto hoje ela não está querendo me ajudar.

Vou até o caixa e a vendedora, que já me conhece bem, sorri, esperando minha decisão. Já está acostumada com meu descontrole financeiro. Nem sei por que ainda fico ansiosa chegando no caixa.

— Os dois, por favor! — digo, sorridente.

— Você enlouqueceu? — Júlia me encara com um olhar assombrado.

Depois, cochichando, ela olha para mim e diz:

— Achei que o tio Rafa tinha tirado seu cartão.

— Tirou, mas não tirou o da vaca da Denise. — Dou uma piscadela e ela fica assustada. — Fica tranquila, isso não vai dar em nada.

— Vih, acho que você está passando dos limites.

— Blá-blá-blá... — balbucio, fazendo careta — Até você?

Coloco a senha e logo uma linda mensagem aparece no visor: *aprovado*. Denise é tão previsível. Claro que a senha dela ia ser a data do aniversário do meu pai. Urgh. Que mulherzinha mais cafona e sem criatividade, credo. Isso explica o porquê do último personal stylist ter desistido do trabalho, mesmo ganhando cinco dígitos mensais para tentar dar algum estilo para aquela coisa en-sossa. Minha mãe e Coco Chanel devem se revirar no caixão a cada vez que Denise assassina a moda.

Minha madrasta não combina em absolutamente nada comigo. E não digo isso apenas pelo fato de ela não saber se vestir, mas porque ela é uma tremenda sonsa, sem personalidade alguma. É inacreditável que meu pai, um cara que teve minha mãe como esposa por mais de doze anos, tenha se contentado com tão pouco depois da partida dela.

Desde que Denise entrou para a família, há quase dois anos, as coisas começaram a desandar bastante. Primeiro porque a forma como tudo aconteceu foi ridícula. Meu pai era basicamente o sonho de toda mulher: bonito, sarado, inteligente, rico e dono da maior franquía de shoppings de São Paulo. Poderia se relacionar

com qualquer pessoa que quisesse. Só que, assim como acontece na fantasia de toda mulher, ele resolveu se envolver com a secretária. Secretária essa que, por acaso, me tratava como uma filha e que eu costumava amar. Hoje, detesto.

Ela foi sórdida, dissimulada e asquerosa. Durante todos os anos me tratou bem e com amor, mas tinha um único objetivo em mente: fazer com que meu pai se apaixonasse por ela. Agora os dois estão juntos oficialmente e, além de eu ter perdido minha mãe e nem receber mais tanta atenção do meu pai como gostaria, de quebra ganhei uma inimiga que compete comigo a todo instante. *Parabéns, Victória, os humilhados seguem sendo humilhados.*



Entro em casa pela porta dos fundos e logo subo as escadas. Júlia vem atrás de mim, me acobertando. Tranco a porta do quarto e só relaxo quando saímos da zona de risco, abrindo as sacolas. Não tem sido fácil ter que fazer tudo escondido para ter um pouco de paz.

— Você sabe que uma hora ela vai ver que você comprou alguma coisa. Vai aparecer na fatura... — minha prima começa a dizer, soltando o ar dos pulmões com a adrenalina.

— E eu vou negar até o fim — digo, mostrando a língua. — O que mais me deixa feliz agora é saber que tenho um vestido novo e que não vai dar tempo de ela me imitar.

— Ainda estou chocada que ela tenha feito luzes com seu cabeleireiro.

— Tá aí uma coisa que deveria ser colocada no código de ética dos salões de beleza. — Faço uma cara de ofensa. — Ele ainda me disse que ela mostrou uma foto minha como referência.

— Isso é coisa de psicopata — Júlia diz, eu concordo e gargalhamos juntas. — Mas, sério, você não acha que ela faz isso como uma forma de buscar sua aprovação?

— Júlia, você é fã ou hater? — Encaro minha melhor amiga, perplexa. — Ela é uma sonsa, quer fazer isso para me atingir.

— Estava conversando com a minha mãe outro dia e ela acha que talvez sua madrasta faça essas coisas como uma tentativa de aproximação.

Suspiro profundamente, esgotada, e me afundo nos travesseiros da minha cama. Penso em não responder minha prima, afinal já estou cansada de todos ao meu redor defenderem Denise a todo custo. Dá pra ver que a família inteira começou a aceitá-la e agora duvidam de mim.

Uma ruga de insatisfação surge no meio da testa dela, esperando por uma resposta minha. Esse assunto é difícil demais e não queria ter que falar sobre isso antes de um dia especial, mas não estou mais aguentando.

— Sua mãe anda gostando dela? — Torço para que a resposta seja negativa.

— Gostar é uma palavra forte... — ela responde com um aze-dume que recai sobre as palavras. — Mas digamos que elas têm aprendido a conviver bem.

— Como assim “bem”?

Ela fica em silêncio por alguns segundos, sem dúvidas pensando no quanto deve me contar sem correr o risco de criar a próxima guerra fria. Minha relação com Denise tem passado por uma fase aguda daquelas.

— Mamãe convidou Denise para ir com a gente para a casa na serra no final de semana que vem.

— Oi? — Meu rosto empalidece. — Você não vai nisso, né?

— Pensei que poderíamos ir juntas.

— Nem ferrando.

É só o que ela precisa dizer para me fazer ter um novo surto. Me levanto impaciente e vou até o closet pra fugir disso tudo. Minha prima vem atrás.

— Vih, eles já estão juntos há bastante tempo. Ela me trata bem.

Sua voz rouca me causa arrepios. Não acredito que também fui traída pela minha prima-irmã e melhor amiga. A única pessoa da família (tirando eu) que tinha neurônios o suficiente para entender que aquela situação não era coisa boa. Inacreditável o poder que Denise tem de seduzir todas as pessoas. Essa mulher precisa ser interditada. Não sei qual é o plano dela, nem se existe um plano por trás disso ou se ela é só maluca mesmo, mas estou cansada de todos a aceitarem e não enxergarem a alma suja que ela tem.

— A mulher me afasta do meu pai, copia todas as minhas roupas, pinta o cabelo igual ao meu, começa a jogar tênis depois que começo a fazer aula, compra as mesmas coisas que eu, ainda por cima é uma sonsa e vocês gostam dela? — grito o mais alto que consigo. — Ela só não dá em cima do Miguel porque ele é menor de idade e isso seria crime.

— De tudo o que você falou, eu só discordo da parte do seu pai, ela não te afastou dele. Vocês dois se distanciaram desde que a tia Lala morreu.

— Não acredito que você está me dizendo isso, Júlia — respondendo, decepcionada. — Pode ir embora.

— Como assim ir embora? E o seu aniversário? Pensei que fôssemos nos arrumar juntas.

— Vai lá se arrumar com a Denise. Pede pra ela fazer babyliiss em você e delineado invertido. — Mostro o dedo do meio.

Júlia me lança um olhar desapontado e sai do meu quarto batendo a porta.

Eu me jogo novamente na cama, mas, antes mesmo que consiga começar a chorar, Júlia volta para uma revanche.

— Tô começando a achar que você é a psicopata da história. Não dá nenhuma chance pra ela e cria suas próprias paranoias.

Então ela bate a porta pela última vez e fico isolada, como de costume. Já aprendi a conviver com meu próprio sofrimento. Ultimamente, só eu sou capaz de me consolar.

Ninguém nunca vai saber as dores que sinto e os anseios que tenho, e eu mesma sou incapaz de traduzi-las para os outros. Por isso, só por isso, em alguns momentos prefiro sofrer calada e no meu cantinho. Assim, ninguém enche meu saco por dar uma dimensão absurda para algo que provavelmente não tem relevância alguma. Só que, para mim, as coisas são grandes assim mesmo.

Só as dramáticas online.





São quase oito da noite, o que significa que preciso me arrumar para o jantar de aniversário se não quiser perder a reserva no Makoto, um restaurante japonês no bairro do Itaim Bibi, em São Paulo.

Sempre peço sashimi de *toro* com *spicy* edamame, o prato preferido da minha mãe nesse restaurante. Só que não encontro forças para me levantar, já que estou chorando em posição fetal desde a hora em que Júlia saiu daqui. Inferno astral, você pegou pesado dessa vez.

Tenho certeza de que meu cabelo está uma bagunça, meus olhos estão inchados e meu nariz todo vermelho. Para completar, Athos, meu cachorro, deixou pelos por todo o meu quarto.

É incrível o quanto uma mãe faz falta. Se mamãe estivesse aqui, nada disso estaria acontecendo. Sinto tanta saudade dela... já faz seis anos, mas não existe um dia sequer que eu não me lembre de seu cheiro e do quanto ela era especial.

Perder a mãe é sentir todos os dias que uma parte de você foi enterrada e que existe um espaço vazio que jamais será completado. Desde o dia em que ela partiu, nunca consegui comemorar um aniversário. Ano passado tentei arduamente, mas foi logo quando descobri que meu pai e Denise estavam juntos e tudo foi por água abaixo.

Esse ano, tinha jurado para mim e para a alma da minha mãe que iria fazer uma comemoração digna, como se ela ainda

estivesse aqui. Preparei tudo para que fosse especial, mas meu pai começou a implicar com as coisas e não teve a mesma emoção. E agora, pra piorar, eu nem sei se vou comemorar. Todos sumiram.

O clima frio do inverno me faz fechar as janelas do quarto e ligar meu aquecedor.

Coloco o álbum *Midnights*, da Taylor Swift (um dos meus favoritos dos últimos tempos) pra tocar na minha caixa de som JBL. Meus tímpanos já estão quase estourando com o volume. Athos não para de latir, deve estar doido para sair e fazer xixi, mas não quero ter que ficar sozinha.

— Ei, amigão, segura aí! — imploro, como se ele pudesse entender. — Não quero socializar.

Quando enfim alguém aparece batendo na porta, salto de pressa da cama e escondo as sacolas. Abro a porta e é meu pai.

Ele está usando um lindo suéter da Gucci, com o cabelo penteado para trás. Meu pai é extremamente charmoso e, pelo menos nisso, preciso admitir que minha madrastra teve bom gosto. A expressão em seu rosto é tranquila, algo raro de se ver. Sinto que meu pai vive tenso boa parte do dia. Ele me abraça apertado e acho que enfim se lembrou de que temos um motivo para celebrar.

— Não vamos jantar? — ele fala de forma branda.

— Júlia foi embora sem falar comigo, você não falou nada o dia inteiro... — amenizo o tom de voz. — Pensei que não fôssemos mais.

— Denise combinou tudo com você ontem, filha. — Ele sorri ao falar da megera.

— Eu já te disse que não quero comemorar com ela.

Dou as costas para ele com ferocidade e volto para a cama.

— Vamos logo. — Ele engrossa a voz, o que me causa calafrios.

Ele passa a mão na barba, e percebo que está tentando segurar a chateação. Poucas vezes na vida eu o vi perder a cabeça e, nas vezes em que vi, sempre foram comigo. Mesmo assim, insisto:

— Não vou.

— Victoria, para de ser cabeça-dura e vamos — ele insiste.